

EUA vêem fraude no secundário

Washington — Um informe preparado em caráter particular por corretores com a ajuda de um advogado, reconstitui a transação de US\$ 416,4 milhões no mercado secundário relativa a dívidas externas do Brasil, México, Argentina, Chile, Venezuela e outros países, e denuncia supostas irregularidades no valor de US\$ 25 milhões, informaram ontem especialistas do setor financeiro.

Segundo o **The Wall Street Journal**, depois do surgimento do mercado secundário, em 1987, ocorreram conflitos de interesses e abusos. Lembrou o jornal que o mercado é um “bazar mundial quase invisível às disposições legais”, já que “não tem um regime de câm-

bio, nem diretores oficiais e nem regulamentos escritos”.

Como se não bastasse, alertou o jornal, as transações do mercado secundário no exterior ficam fora do alcance da Justiça norte-americana.

De qualquer modo, recente estudo de economistas do Banco Mundial afirmou que o mercado secundário se converteu rapidamente num componente-chave dos esforços econômicos e políticos para aliviar o problema da dívida dos países em desenvolvimento.

No momento, a Justiça procura provas sobre as atividades do financista Antonio Angotti, que deixou o Citicorp para se unir à Security Pacific Corp. Outros dois ho-

mens de negócios, ambos amigos de Angotti, também deixaram o Citicorp para criar a firma de corretagem Fintech. Os três se mantiveram ligados ao mercado secundário, vendendo milhões de dólares da dívida bancária do Terceiro Mundo, segundo versão do **Wall Street Journal**. Angotti negou qualquer atividade ilegal. “A Security Pacific fez uma completa investigação e concluiu que o seu cliente não se envolveu em nada ilegal”, disse a sua advogada, Rita Hauser.

O **Journal** afirmou que o Banco Central dos Estados Unidos (FED) também começou a questionar as contas de algumas das principais corretoras de dívidas externas.